

# **JOHN R. SEARLE E OS IMPASSES EPISTEMOLÓGICOS DAS ARGUMENTAÇÕES DO DUALISMO E DO MATERIALISMO MONISTA REFERENTES À FILOSOFIA DA MENTE.**

*John R. Searle and the Epistemological impasse of the argumentations of dualism and monist materialism according to the philosophy of the mind.*

Kleber Bez B. Candiotto<sup>1</sup>

## *Resumo*

O trabalho apresenta os principais pressupostos da análise de Searle sobre as insuficiências dos argumentos do materialismo, do dualismo e da teoria computacional para a compreensão de mente. A partir da redefinição do problema da mente, Searle critica a concepção ocidental de ciência, principalmente o seu tratamento à objetividade, formado por um *Pano de Fundo* da compreensão da realidade que contém uma equivocada aplicação dos mecanismos da linguagem aos termos *objetivo* e *subjetivo* em relação aos seus sentidos epistemológicos e ontológicos.

**Palavras-chave:** Filosofia da Mente; Epistemologia; Materialismo; Dualismo; Objetividade; Subjetividade.

---

<sup>1</sup> Professor de Filosofia, Metodologia Científica e Ética nos cursos de Graduação e de Pós-Graduação *Lato Sensu* pela PUCPR. Professor de Filosofia da Mente e Epistemologia no curso de Filosofia da PUCPR. Mestre em Educação pela PUCPR e doutorando em Filosofia pela UFSCar.

E-mail: kleber.c@pucpr.br

## Abstract

This work shows the main ideas of Searle's analysis about the insufficiency of the arguments presented by materialism, dualism and by the computational theory for the understanding of the mind. Based on the redefinition of the problem of the mind, Searle criticizes the western concept of science, mainly the way it deals with objectivity, which involves a *Background* of the understanding of reality containing an equivocal application of language mechanisms concerning the words *objective* and *subjective* in relation to their epistemological and ontological meanings.

**Keywords:** Mind philosophy; Epistemology; Materialism; Dualism; Objectivity; Subjectivity.

## Introdução

John Searle está inserido na tradição de pesquisa analítica em filosofia, conforme desenhada pelos seguidores do Círculo de Viena. No entanto, não incorre nos mesmos limites inerentes à forma de utilização metodológica, utilizada na *Concepção Científica de Mundo*<sup>2</sup>. Sua pesquisa analítica reflete os avanços que foram oportunizados pelo encontro interdisciplinar, provocado pelos desafios de aproximar ciências como filosofia, psicologia, neurociências e ciências da informação, elaborando uma reflexão que reformula as abordagens tradicionais sobre o discurso linguístico presente na construção de uma concepção de verdade.

Uma das preocupações do autor é analisar alguns problemas relativos à questão da mente, como o dualismo e o monismo<sup>3</sup>. Sua intenção é elaborar uma filosofia que possa discutir os problemas epistemológicos de sua compreensão, porquanto, sua filosofia é uma filosofia da

---

<sup>2</sup> A *Concepção Científica de Mundo* foi o nome que se deu ao *manifesto* publicado pelo círculo de Viena, sob a responsabilidade de alguns autores como Carnap, Hahn e Neurath. Tal *manifesto* tem a intenção de formar uma *Einheitswissenschaft*, que seria uma ciência que unifica os conhecimentos oriundos da física, as ciências naturais em geral, a psicologia, etc. Para isso, deveria ser aplicado um método lógico de análise que, para o desenvolvimento das ciências empíricas, consistiria na eliminação da metafísica.

<sup>3</sup> O termo *monismo* se refere principalmente sobre as discussões materialistas contemporâneas em torno da teoria computacional.

mente, porém derivada da filosofia da linguagem. Ele compreende, pois, que os problemas existentes relacionados ao entendimento de *mente* são, primeiro, problemas da linguagem (SEARLE, 1997a, p. 1-3).

O problema da mente é tratado basicamente por duas tendências de argumentações na filosofia, a saber, o dualismo e o materialismo. Contudo, a intenção de Searle é mostrar que tanto um quanto o outro não conseguiram desenvolver uma resposta eficiente, devido principalmente a seus problemas epistemológicos. Com esse propósito, o autor trabalha outras importantes questões da filosofia moderna e contemporânea, tais como a subjetividade, a consciência, a realidade, a racionalidade, etc. Suas análises contribuem para a compreensão epistemológica de outras questões além da filosofia da mente: a estrutura da realidade social, por exemplo.

### *A irredutibilidade da compreensão da realidade*

O objetivo do materialismo, em suas variações apresentadas, é desenvolver uma explicação da realidade que evite qualquer referência às características especiais do mental, a saber: a *consciência* e a *subjetividade*. Mas, ao mesmo tempo em que rejeita a referência a tais características, o materialismo procura explicar às intuições sobre a mente.

Contudo, para Searle (1997a, p.79-87), o materialismo não consegue realizar seu objetivo, isto é, explicar a mente evitando referências à consciência e à subjetividade.

A filosofia materialista da mente procura mostrar que qualquer teoria que lance objeções ao materialismo deve estar baseada em alguma versão de dualismo, de misticismo ou, ainda, de tendências anticientíficas em geral. O motivo é afirmar a hipótese de que as explicações materialistas da realidade são necessariamente incompatíveis com a subjetividade.

Segundo Searle (1997a, p.80), “a hipótese básica por detrás do materialismo é fundamentalmente a hipótese cartesiana de que o materialismo implica antimentalismo, e mentalismo implica antimaterialismo”. Ou seja, ao negar os pressupostos do dualismo, o materialismo implicitamente aceita o vocabulário e as categorias do dualismo. O materialismo depara-se, então, com o impasse semelhante ao do dualismo, a saber: seus argumentos demonstram a dificuldade em explicar os atributos

mentais, ou seja, explicar a existência da *consciência* e, conseqüentemente, da *intencionalidade*<sup>4</sup>.

Portanto, todas as grandes dificuldades filosóficas, como a discussão sobre a consciência, são provenientes de algum vocabulário e de categorias associadas. O uso de determinadas palavras como materialismo ou objetividade comprometem o uso de outras palavras como *mentalismo* ou *subjetividade*, devido ao seu quadro vocabular.

A característica do materialismo, portanto, é sua aversão ao conceito de *consciência*. Essa aversão acontece devido à característica essencial da consciência: a *subjetividade*. As explicações sobre a consciência proporcionam a impressão de que a mente é essencialmente um espaço de subjetividade fechado em si mesmo. Porém, o papel da mente não é fechar-se em si mesma, mas proporcionar formas de relação com o meio ambiente ou com outras pessoas, o que caracteriza estar consciente. A relação dos estados subjetivos (pensamentos e sentimentos) com o resto do mundo, de acordo com o pensamento de Searle, chama-se *intencionalidade*.

O autor procura explicar o problema da consciência de acordo com a concepção científica<sup>5</sup> geral de mundo. A visão de mundo contemporânea, desenvolvida a partir do século XVII, separa a mente da matéria. Esta separação foi importante para o progresso que ocorreu nas ciências, pois permitiu aos cientistas concentrarem-se nos fenômenos que eram mensuráveis. Mas no século XX, esta separação tornou-se um forte obstáculo para compreender cientificamente o lugar da consciência no mundo físico. Para isso, é preciso resgatar a consciência como objeto da ciência, como um fenômeno biológico semelhante a qualquer outro.

O autor resume sua compreensão de consciência nos seguintes termos:

consciência é uma característica biológica de cérebros de seres humanos e determinados animais. É causada por processos neurobiológicos, e é tanto uma parte da ordem biológica natural quanto quaisquer outras características biológicas, como a fotossíntese, a digestão ou a mitose (SEARLE, 1997a, p.133).

---

<sup>4</sup> Searle dedica uma análise especial na questão da intencionalidade em sua obra *Intentionality*, de 1983.

<sup>5</sup> A *concepção científica geral de mundo* em questão desenvolve-se a partir da tradição ocidental de compreensão da realidade. No âmbito dessa tradição, leva-se em conta a perspectiva das posições-padrão discutida por Searle (2000a, p. 18-20).

Como entende Searle, a consciência é um fenômeno biológico natural. Contudo, ela não se reduz a tal fenômeno, pois os estados e processos mentais conscientes têm uma característica particular, que torna difícil o estudo da consciência, a saber, a subjetividade<sup>6</sup>. O modelo moderno de compreensão de realidade e da relação entre realidade e observação tem como pressuposto a objetividade, não sendo possível acomodar o fenômeno da subjetividade. Sobre o modelo moderno, o autor afirma que

é aquele em que observadores objetivos (no sentido epistêmico) observam uma realidade objetivamente (no sentido ontológico) existente. Mas não há como, neste modelo, observar o próprio ato de observação. Porque o ato de observação é o acesso subjetivo (sentido ontológico) à realidade objetiva (SEARLE, 1997a, p. 146).

Da realidade podem ser feitas observações, sendo que a idéia de observação é precisamente a idéia de representações subjetivas da realidade, no sentido ontológico. Assim, a observação é ontologicamente subjetiva, pois uma observação sempre é a observação de alguém. Reafirmando, para Searle é

um erro supor que a definição de realidade tenha que excluir a subjetividade. Se a ciência é o nome do conjunto de verdades objetivas e sistemáticas que podemos enunciar acerca do mundo, então a existência da subjetividade é um fato científico objetivo como qualquer outro (SEARLE, 1984, p.31).

Portanto, as explicações de que a subjetividade pertence à definição de realidade, sustenta a afirmação de que a consciência é um fenômeno biológico natural, como Searle argumenta várias vezes em sua obra *The Rediscovery of the Mind*, de 1992.

Devido à ontologia da subjetividade, os modelos que têm como pressuposto a distinção entre observação e coisa observada, que são os modelos da ciência moderna, não se enquadram na subjetividade em si. Ou seja, alguns modelos não funcionam para a subjetividade, pois têm como finalidade reduzir as explicações da realidade em leis, temas, fórmulas, etc.; têm como função simplificar ao máximo a realidade observada.

---

<sup>6</sup> Em relação à definição de consciência, Searle usa o termo *subjetivo* não de modo epistêmico, mas se refere a uma categoria ontológica (SEARLE, 1997a, p.139).

Entretanto, de acordo com o modelo de como a realidade deve ser e de como é representada, parece difícil conceber algo irredutivelmente subjetivo no universo, mesmo sabendo que a subjetividade exista. Assim, se eliminar toda referência à subjetividade ontológica, não haverá possibilidade de definição para a consciência.

O materialismo rejeita qualquer referência à subjetividade, pois esta não se reduz a explicações de uma realidade independente da mente. Ele rejeita a subjetividade porque procura descrever a mente de forma objetiva, reduzindo-a a explicações materiais; o mesmo acontece com o estado da mente, ou seja, a consciência.

Para Searle, então, o materialismo se caracteriza por ser reducionista, decifrando toda a realidade a partir de uma forma física ou material. Assim, não é possível o materialismo explicar os fenômenos mentais em geral e a consciência em particular. Se explicar, estará necessariamente sendo incoerente, pois a redução de suas explicações elimina o que é essencial sobre a mente e a consciência: a subjetividade (SEARLE, 2000a, p.58).

Segundo Searle (1984, p.19-20; 1997a, p.126), Descartes excluiu a consciência do objeto da ciência. Conseqüentemente, a mente (*res cogitans*) foi excluída das ciências naturais, as quais se ocuparam unicamente da matéria (*res extensa*). A separação entre matéria e mente foi muito importante no resultado do progresso das ciências ocorrido a partir do século XVII, pois algumas de suas concepções tornaram-se pressupostos para a filosofia ocidental posterior.

O problema mente-corpo originou um dualismo de substância ou um dualismo de propriedade, como já mencionado. Searle discute ainda a origem de uma terceira forma de dualismo, o dualismo de conceitos (SEARLE, 1997a, p.42). Ou seja, de que no conceito de “físico” está implícita a definição de não-mental, etc.

A suposição de que o mental e o físico são dois reinos distintos é tratada por Searle (1997a, p.148) como um preconceito filosófico da compreensão das relações mente-corpo, sendo, portanto, um erro conceitual. Este é o principal obstáculo que impede um estudo adequado do cérebro, com explicações causais da consciência em todas as suas formas e variações.

As soluções tentadas para o problema do dualismo mente-corpo, de forma geral, acabaram negando a existência ou enfraquecendo conceitualmente uma ou outra destas entidades. Porém, devido aos êxi-

tos das Ciências Físicas, os fenômenos mentais tiveram seus estatutos, ou minimizados ou ajustados às explicações materiais. Por isso, Searle compreende o materialismo como uma variação do dualismo (SEARLE, 1997a, p.42).

No dualismo também está implícita a redução da compreensão da consciência, pois se torna mais fácil afirmar que a mente é simplesmente algo diferente do corpo, em vez de procurar uma definição do que é mental<sup>7</sup>.

A compreensão do que é consciência não é possível na simplificação objetiva, mas só se faz na complexidade do subjetivo. Assim, as reduções explicativas que funcionam no âmbito das ciências causais não são possíveis de serem aplicadas para a explicação da consciência.

Searle explica que as reduções explicativas não são possíveis à consciência devido à subjetividade inerente aos fenômenos mentais. As características de subjetividade são sempre de primeira pessoa e diferentes da terceira pessoa, como, por exemplo, a dor é sempre a dor de alguém, pois só a própria pessoa sabe onde e quanto está doendo.

Os critérios objetivos não seriam diferentes para representar a dor, pois mesmo que exames registrassem alguma doença, não implicaria necessariamente que a pessoa estivesse sentindo alguma dor. Portanto, a dor é um exemplo de *aparência subjetiva* e, assim como todos os fenômenos mentais, impossíveis de serem reduzidas (SEARLE, 1997a, p.172). Mesmo que se reduza a explicação física do calor como a energia cinética dos movimentos moleculares, não é possível reduzir a aparência subjetiva de estar sentindo calor, por exemplo.

No caso do exemplo do calor, é possível distinguir realidade de aparência, ou seja, o aspecto físico do calor e aparência de estar sentindo calor. Outros exemplos, como a dor, são possíveis de fazer uma distin-

---

<sup>7</sup> A origem da dificuldade argumentativa do dualismo pode ser representada pela argumentação inicial de Descartes, ou seja, a idéia do *Cogito*. A esse respeito, é importante a reflexão de TEIXEIRA (2000, p.29): a partir de sua filosofia (o cartesianismo), a questão da separação entre matéria e pensamento torna-se um problema filosófico. O cartesianismo formula e institui esse problema específico, a partir de uma demonstração filosófica na qual Descartes supõe que podemos *deduzir*, numa cadeia de raciocínios coerentes, que corpo e alma são duas substâncias distintas, e que suas propriedades são incompatíveis. Descartes estabelece uma cadeia de raciocínios dedutivos a partir do *Cogito*. Embora nunca tenha dito o que é pensar e muito menos o que é existir, Descartes toma como certeza primeira, basilar, a proposição *Penso, logo existo*.

ção entre realidade e aparência, não sendo possível a redução, pois não seria coerente suprimir a aparência e simplesmente definir a consciência em termos de realidade física subjacente. Portanto, o padrão de reduções fundamenta-se na rejeição do aspecto subjetivo epistêmico.

Searle não almeja com isso provar a coerência ou incoerência da redução, mas apenas apresentar uma distinção nos métodos de definição no contraste entre a redutibilidade de aspectos físicos como o calor, a cor, etc., e a irredutibilidade de estados conscientes.

Embora a irredutibilidade seja algo evitado por parte do materialismo ou por parte do dualismo, “ainda continuamos com um universo que contém um componente físico irredutivelmente subjetivo como componente da realidade física” (SEARLE, 1997a, p.178).

Contudo, para o autor, a irredutibilidade da consciência apenas tem sentido de acordo com a concepção de “redução”, ou seja, de que sua irredutibilidade está em concordância com modelos ou padrões de redução. Assim, se houvesse uma revolução intelectual a ponto de trazer uma nova concepção de realidade, talvez a consciência, nestes novos padrões, se tornaria redutível. Contudo, essa revolução intelectual ainda é apenas uma hipótese.

A consciência ainda é empiricamente “misteriosa” para a ciência do século XX, principalmente pelo fato de que não é possível rejeitar sua característica da subjetividade. Dessa forma, para desenvolver uma definição coerente de consciência, é preciso considerar a subjetividade em seu sentido ontológico.

O dualismo e o materialismo, de modo geral, desenvolvem argumentos sobre a consciência, considerando-a como uma coisa, sendo conhecida de uma forma análoga à que os objetos do mundo são conhecidos pela percepção. Com isso, suprimem a subjetividade como a característica essencial da consciência, sendo possível uma redução. Mas como a subjetividade é uma parte inerente à consciência, sua redução não se enquadra nos padrões de objetividade da ciência.

O entendimento de consciência só será possível e coerente se primeiramente lhe é estabelecido o caráter de irredutibilidade. Assim, para Searle (1998a, p.25),

todas as tentativas reducionistas de se eliminar a consciência são tão malsucedidas quanto o dualismo que elas estavam decididas a suplantare (...). Acabam negando o evidente fato de que todos nós temos

estados internos, qualitativos e subjetivos tais como novas dores e alegrias, memórias e percepções, pensamentos e sentimentos, humores, remorsos e apetites.

A pretensão ao reducionismo, desenvolvida principalmente pelo materialismo, baseia-se na incoerente suposição de que se for aceita a consciência como tendo sua própria existência (sua própria maneira de existir), conseqüentemente se aceita o dualismo (ou seja, aceita-se a compreensão de *mental* e *físico* como duas categorias mutuamente excludentes). A consciência é tanto um fenômeno mental, qualitativo e subjetivo, quanto uma parte natural do mundo *físico*; e, por ser subjetivo, a consciência é irreduzível.

### *Pano de fundo da compreensão da realidade*

Para formação de qualquer concepção, seja a formação da concepção de mente, concepção de ciência, concepção de educação, etc., necessita-se antes de um conjunto de pressupostos ou de pressuposições chamados por Searle (2000a p.19) de *Pano de Fundo* de nosso pensamento e linguagem. Portanto, a formação de qualquer concepção (especialmente a própria concepção de mente analisada neste trabalho) depende de um *Pano de Fundo*, de um conjunto de pressupostos, de opiniões, que estão antes de qualquer reflexão e que na maioria das vezes não são questionados ou não se procura compreender.

A origem de um *Pano de Fundo*, que é um conjunto de posições-padrão, passa a ser um problema da filosofia da linguagem. Por isso, Searle entende que, em geral, qualquer problema na filosofia é antes um problema de linguagem, diferentemente de Wittgenstein, que reduziu a filosofia como um todo à filosofia da linguagem. Como a teoria de mente suscita problemas teóricos de ordem filosófica, a contribuição da filosofia da linguagem seja essencial para entender questões discutidas pela relação mente/realidade.

O dualismo e o materialismo são responsáveis por alguns pressupostos que formam o *Pano de Fundo* de uma compreensão ocidental da realidade. No âmbito do pensamento ocidental, a filosofia desenvolveu pressupostos especificamente epistemológicos em relação às palavras *subjetivo* e *objetivo*, desenvolvendo uma concepção de realidade a

partir da relação entre estes conceitos. Porém, o sentido das palavras subjetivo e objetivo não é único, podendo se distinguir entre o sentido epistemológico e o sentido ontológico.

## *Sentidos contológico e epistemológico das palavras objetivo e subjetivo*

Para Searle, possivelmente os problemas argumentativos do dualismo e do materialismo têm uma origem no fato de ignorarem tal distinção, a saber, o sentido epistemológico e o sentido ontológico das palavras *objetivo* e *subjetivo*. Nesse sentido, o autor procura fazer uma distinção em relação ao estudo desenvolvido sobre a consciência.

A consciência tem uma característica de subjetividade, no sentido de ser sempre experimentada por alguém. Sua existência é sempre do ponto de vista de alguém que a possui, sendo uma *ontologia de primeira pessoa* (SEARLE, 2000a, p.47). De acordo com essa definição, a consciência está além do alcance da investigação científica, uma vez que esta se preocupa exclusivamente com a objetividade.

Se a consciência se define por subjetiva, a ciência se define por objetiva. Subjetiva e objetiva, nestes termos, têm um sentido de oposição. Conclui-se erroneamente, então, que não é possível uma ciência da consciência. Mas o uso das palavras *objetiva* e *subjetiva* tem aqui um sentido unicamente epistemológico.

Epistemologicamente, uma afirmação se caracteriza objetiva quando for reconhecida como verdadeira ou falsa independentemente do sujeito, ou seja, de seus sentimentos, atitudes ou preconceitos. Epistemologicamente, uma afirmação se caracteriza subjetiva se sua verdade ou falsidade depende das atitudes e sentimentos dos observadores. Assim, por exemplo, dizer que “Marx escreveu *O Capital* no século XIX” é uma afirmação epistemologicamente objetiva, pois é um fato. Mas a afirmação de que “as obras de Marx têm um estilo melhor que as de Weber” é epistemologicamente subjetiva, pois depende das atitudes, preferências e avaliações dos observadores.

Além do sentido epistemológico da distinção entre objetivo e subjetivo, há ainda o sentido ontológico. Distintamente do sentido epistemológico, que se aplica a afirmações, “o sentido ontológico se refere ao *status* do modo de existência de tipos de entidades do mundo” (SEARLE, 2000a, p.48).

Quando algo existe independentemente da experiência do sujeito, como as árvores ou o mar, tem um modo objetivo de existência. Mas, quando algo existe devido exclusivamente às experiências de algum sujeito, como o caso das dores, sentimentos ou pensamentos, sua existência é de modo subjetivo. Assim, uma montanha é ontologicamente objetiva e um sentimento de angústia é ontologicamente subjetivo.

A dificuldade em compreender alguns problemas da filosofia está na falta de clareza na distinção entre os sentidos epistemológico e ontológico do uso das palavras *subjetivo* e *objetivo*. É o caso, por exemplo, do problema da consciência. Os estados de consciência têm um modo de existência ontologicamente subjetivo. Já a ciência se caracteriza por ser epistemologicamente objetiva. Portanto, os estados de consciência não podem ser estudados como uma ciência. Mas esses argumentos contêm uma incoerência ao relacionar a consciência *ontologicamente subjetiva* com ciência *epistemologicamente objetiva*.

O fato de a consciência ter um modo de existência subjetivo não nos impede de ter uma ciência objetiva da consciência. A ciência é, de fato, epistemologicamente objetiva na medida em que os cientistas tentam descobrir verdades que são independentes dos sentimentos, atitudes ou preconceitos de qualquer pessoa. Tal objetividade epistemológica, no entanto, não exclui a subjetividade ontológica como área de investigação (SEARLE, 2000a, p.49).

Sobre a questão da consciência, segundo Searle (1997a, p. 126-127), emergiram muitas discussões, levantando uma série de problemas metafísicos. Ou seja, a separação epistemológica da realidade, feita por Descartes, em mental e físico como dois reinos distintos, culminou na equivocada compreensão de mente e corpo ontologicamente distintos, até mesmo opostos um do outro. Contudo, a oposição de mente e corpo é muito mais responsabilidade dos racionalistas cartesianos do que do próprio Descartes, por argumentos que não são oportunos de serem discutidos aqui.

O problema mente e corpo, portanto, suscita o desenvolvimento de duas argumentações: o dualismo e o materialismo. Não é o objetivo aqui atacar a filosofia de Descartes; apenas cabe mostrar como suas argumentações se desenvolveram pela filosofia posterior, que atualmente é chamada de cartesianismo.

Como já mencionado, Searle (2000a, p.18) entende que o primeiro passo para ocorrer um erro filosófico está na má compreensão dos mecanismos da linguagem. Assim, o problema sobre a discussão corpo-mente está na má compreensão da linguagem, quando os termos *objetivo* e *subjetivo* são empregados no sentido epistemológico, quando deveriam ser no sentido ontológico e vice-versa. A existência de diferentes argumentos em relação ao problema da consciência tem sua origem nessas divergências.

Enquanto isso, a noção de consciência tem sofrido muitas transformações, decorrentes fundamentalmente do dualismo ou do materialismo. Para Searle, quando se concebe a consciência como um tipo de fenômeno separado, distinto da realidade material ou física (como algo misterioso), suas argumentações estão calcadas no dualismo, ou seja, na idéia de que existem no universo basicamente duas entidades ou fenômenos distintos entre si. Se tentar negar o dualismo, o universo é reduzido a uma entidade material, fazendo com que se desenvolvam os argumentos do materialismo, para o qual a consciência como algo subjetivo não existe.

Em suma, o dualismo promove a compreensão de que a subjetividade da consciência é algo misterioso e distinto do corpo. Em oposição, o materialismo rejeita qualquer referência à consciência, convencido de que toda a realidade pode ser explicada em termos materiais, físicos ou objetivos.

Embora o dualismo e materialismo se diferenciem em relação à compreensão da realidade, em que o primeiro conta com duas substâncias ou propriedades e o segundo conta com apenas uma propriedade, existe uma forte relação entre ambos. Searle compreende que o materialismo traz implicitamente uma noção de dualismo, pois ao afirmar que a realidade se explica apenas em termos físicos, é utilizado um discurso não-subjetivo ou não-mental. Contudo, como já visto, o autor não encontra realmente uma necessidade em especificar a realidade com uma ou duas propriedades, limitando demasiadamente a eficiência da compreensão.

### *O dualismo e o materialismo: a incoerência conceitual dos termos objetivo e subjetivo*

De modo geral, tanto os argumentos do dualismo quanto do materialismo são insuficientes para explicar e compreender a questão da consciência. Acrescente-se a isso a incoerência de aplicações dos termos

*subjetivo* e *objetivo*, ou seja, quando não há neles uma distinção entre os sentidos epistemológico e ontológico analisados anteriormente.

Entretanto, mesmo admitindo que há uma insuficiência de aplicação dos argumentos do dualismo e do materialismo, ambos influenciaram consistentemente o pensamento ocidental nos últimos três séculos. No que concerne ao problema da mente, o dualismo e o materialismo continuam a influenciar o pensamento do século XX, constituindo-se como posições-padrão da filosofia contemporânea, principalmente a filosofia da mente<sup>8</sup>.

A posição-padrão é uma característica da argumentação, ou seja, a argumentação inicia-se a partir de uma posição fixa e inquestionável, como algo dado por pressuposto. Assim, a posição-padrão do dualismo é que o indivíduo é tanto um corpo quanto uma mente, distintos entre si. Para o materialismo, a posição-padrão é um mundo formado inteiramente de entidades materiais ou físicas.

Sobre o problema mente-corpo e o problema da consciência,

somos informados de que devemos escolher entre o dualismo, que insiste na irredutibilidade do mental, e o materialismo, que insiste que a consciência deve ser redutível e, portanto, eliminável, em favor de alguma existência puramente física da mente (SEARLE, 2000a, p.53).

Só é possível, portanto, compreender a insuficiência tanto do dualismo quanto do materialismo questionando suas posições-padrão.

Em relação à consciência, o questionamento destas posições-padrão fornece conclusões acerca da insuficiência das proposições materialistas e dualistas quando a excluem como parte do mundo material e físico, dada sua definição de fenômeno subjetivo e qualitativo.

A intenção, neste momento da pesquisa, é mostrar que, perante problemas filosóficos como a consciência, a solução não deve ser necessariamente se apoiar num materialismo ou num dualismo, limitando-se às definições tradicionais. O caminho talvez seja questionar as posições-padrão e abandonar concepções tradicionais que se apresentam muitas

---

<sup>8</sup> No caso dos representantes do dualismo no século XX, podem ser tomados como principais exemplos Thomas Nagel em seu artigo *Physicalism* (1965) e David Chalmers em seu livro *The Conscious Mind*, publicado em 1996. Já em relação à defesa do materialismo, tem-se no século XX representantes como Gilbert Ryle em sua obra *The Concept of Mind*, de 1949 e os Churchlands (o casal Paul e Patricia Churchland), com seu materialismo eliminativo exposto principalmente na obra de Paul, *The Engine of Reason, the Seat of the Soul*, publicado em 1995.

vezes inadequadas para compreender questões da realidade, como a mente ou a consciência (SEARLE, 2000a, p.54).

Segundo Searle, a questão corpo-mente apresenta-se como um problema devido à inadequação teórica do dualismo ou do materialismo com os fatos. Assim, é preciso rever as categorias conceituais ocidentais para que o problema não seja *a priori* enunciado como tem sido tradicionalmente apresentado.

Compreendendo que a consciência, com toda sua subjetividade, é causada por processos cerebrais, elimina-se o problema metafísico corpo-mente sem se reportar ao dualismo nem ao materialismo. Se o vocabulário, com suas categorias mente e matéria mutuamente excludentes, não for compreendido e superado, o problema tradicional corpo-mente continuará insolúvel. Em vista disso, mediante um questionamento às posições-padrão do dualismo e do materialismo, o vocabulário da tradição ocidental, com suas categorias, torna-se obsoleto.

O autor, mediante as conclusões apresentadas acerca das insuficiências do dualismo e do materialismo em relação ao problema mente-corpo, apresenta um método simples para que seja possível a superação de questões problemáticas no âmbito da filosofia, como o problema da mente, por exemplo:

Ao defrontar com uma questão intratável, como aquela apresentada pelo conflito de posições-padrão convincentes, não aceite a questão de forma passiva. Levante-se e vá atrás da questão para ver que pressuposições estão subjacentes às alternativas que ela apresenta. (SEARLE, 2000a, p.57).

No caso da consciência, segundo Searle, tanto o vocabulário do dualismo quanto o do materialismo devem ser rejeitados, pois tendem apenas a dificultar sua compreensão ao pressupor que as categorias corpo e mente, matéria e consciência apresentam-se mutuamente excludentes. Sem tais categorias, então é possível compreender que a consciência é um fenômeno biológico e que consiste em estados e processos internos qualitativos e subjetivos, com uma ontologia de primeira pessoa (SEARLE, 1997, p.133; 138-140).

É possível, portanto, aceitar os fatos da consciência aqui apresentados independentemente da existência de compromissos filosóficos<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> *Compromissos filosóficos*, neste texto, referem-se às dependências dos pressupostos teóricos que não são questionados, pois se tornam posições-padrão. Um exemplo de compromisso filosófico é a teoria do dualismo que, ao abandonar qualquer estudo sobre a consciência, parte do pressuposto de que mente e matéria são distintos e mutuamente excludentes.

Estes são os responsáveis por uma série de problemas teóricos em várias áreas do conhecimento. A filosofia da mente é uma delas, uma vez que possui um conjunto de pressupostos filosóficos, responsável por seus problemas teóricos, baseados principalmente no dualismo ou no materialismo.

Os problemas teóricos de mente podem ser considerados problemas filosóficos e, por isso, tendem a enquadrar-se nas argumentações das posições-padrão do dualismo e do materialismo, a partir de suas definições tradicionais.

### *Considerações finais*

A partir de sua intenção em compreender a dinâmica da consciência, a filosofia de John Searle apresenta uma singular forma de entender a epistemologia. Ao elaborar uma defesa do naturalismo biológico, o autor desenvolve uma análise dos principais argumentos do dualismo, do materialismo e, principalmente, da teoria computacional, demonstrando as insuficiências de seus argumentos para a compreensão de mente.

Na construção de sua teoria, Searle retoma os pressupostos que permeiam a concepção ocidental de ciência, entre os quais podemos destacar: o tratamento da objetividade, a possibilidade de conhecimento reservada apenas a fenômenos exclusivamente físicos e a redução das explicações a questões materiais. Contudo, ao redefinir o problema da mente, o autor formula argumentos que sustentam um novo entendimento de objetividade científica, passando a compreendê-la como uma objetividade que depende da subjetividade.

Sobre a concepção de mente, tanto o materialismo quanto o dualismo apresentam resistências ao modo como Searle a compreende. Isto porque o materialismo e o dualismo se firmam sobre uma espécie de *Pano de Fundo* de compreensão da realidade ocidental que toma a objetividade como a característica essencial da ciência. Sendo assim, seria impossível uma ciência da consciência, uma vez que esta possua como característica essencial a subjetividade, gerando o principal problema da filosofia da mente que tanto o materialismo quanto o dualismo procuraram resolver. Contudo, Searle destaca que a origem desse problema está na má aplicação dos mecanismos da linguagem aos termos *objetivo* e *subjetivo* em relação aos seus sentidos epistemológicos e ontológicos: a

característica de objetividade da ciência está num sentido epistemológico, enquanto a característica de subjetividade da consciência encontra-se num sentido ontológico.

Devido ao *Pano de Fundo* da compreensão da realidade, torna-se algo inviável uma ciência da mente, pois a ciência possui exclusivamente um caráter *objetivo*, que concebe como impróprias as afirmações com fundo subjetivista. Contudo, Searle argumenta que essa inviabilidade se origina no equívoco ao se empregar o termo subjetivo em sentido epistemológico, quando este deveria ser considerado numa perspectiva ontológica. Compreendendo a mente com um modo de existência ontologicamente subjetivo, é possível abordá-la epistemologicamente.

### *Referências*

DESCARTES, René. **As paixões da alma**. São Paulo, SP : Martins Fontes, 1998.

FAIGENBAUM, Gustavo. **Conversaciones con John Searle**. Estados Unidos: Libros en Red, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Discurso sobre as ciências**. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 2001.

SEARLE, John R.; DENNETT, Daniel Clement; CHALMERS, David John. **O mistério da consciência**. Tradução de André Yuji Pinheiro Uema e Vladimir Safatle. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1998a.

SEARLE, John R. **A Redescoberta da mente**. Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo, SP : Martins Fontes, 1997a.

SEARLE, John R. **Expressão e significado: estudos da teoria dos atos da fala**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1995a.

SEARLE, John R. **Intencionalidade**. Tradução de Julio Fischer e Tomás Rosa Bueno. São Paulo, SP : Martins Fontes, 1995b.

SEARLE, John R. **La Construcción de la realidad social**. Tradução de Antoni Domènech. Barcelona: Paidós, 1997b.

SEARLE, John. **Mente, cérebro e ciência**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1984.

SEARLE, John R. **Mente, linguagem e sociedade: filosofia no mundo real.** Tradução de F. Rangel. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2000a.

SEARLE, John R. **Os actos de fala: um ensaio de filosofia de linguagem.** Coimbra: Almedina, 1981.

SEARLE, John R. **Razones para Actuar: una Teoría del Libre Albedrío.** Traducción Luis M. Valdés Villanueva. Oviedo: Nobel, 2000b.

SEARLE, John R. **The Philosophy of Language.** Oxford : Oxford University Press, 1998b.

TEIXEIRA, João de Fernandes. **Mente, Cérebro e Cognição.** Petrópolis: Vozes, 2000.

Recebido em/Received in: 21/02/2006  
Aprovado em/Approved in: 04/03/2006